



## “Boys don’t cry”: o emo e a performance da masculinidade

Franco de Moura Monteiro, Ana Luiza<sup>1</sup>

### RESUMO

Catherine Lutz (1988) aponta como no ocidente as emoções são consideradas um fator relevante quando analisamos as concepções de gênero e sexualidade, e como a contradição entre razão e emoção está ligada aos ideais de masculinidade e feminilidade. A partir desta teoria, podemos considerar o emo do sexo masculino como uma personificação desta contradição, pois o homem, inerentemente racional e equilibrado, depara-se com uma subcultura onde o foco é justamente o contrário, e, de alguma forma, identifica-se com a mesma. Por valorizar as emoções e as discussões em seu entorno, o emo concede a este jovem um espaço no qual sua vulnerabilidade não é apenas aceita, mas encorajada, e oferece um ambiente seguro para a expressão emocional, permitindo, assim, o surgimento de uma opção de representação de masculinidade discrepante da hegemônica.

Representação esta, que tem sua indumentária como fator imprescindível, devido ao fato de que, segundo Bonadio (2020), é ela a principal responsável pela relação entre o ser biológico e o ser social. Ainda segundo a autora, sendo a indumentária tudo o que reveste o corpo humano, esta age como elemento definidor na criação das noções de masculinidade e feminilidade.

Butler (1988) define o gênero como uma prática cotidiana orientada por forças normativas, de forma que é imposto através dos processos de socialização, enquanto Goffman (1956) afirma que o comportamento dos indivíduos é determinado pela sociedade que os conforma, e pode emitir sua expressividade através de símbolos não

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora, [analuizamonteiro@outlook.com](mailto:analuizamonteiro@outlook.com).





verbais, como o emo faz com sua aparência, por exemplo. O emo seria parte do que Butler descreve como corpos que escapam dos processos institucionais de uniformização, pondo em risco a própria coerência da masculinidade, ao passo que é homem de uma forma que, segundo a norma, não se deve ser homem, seja pela questão visual ou emocional.

Como base metodológica, será realizada a análise de vídeos e documentos que possibilitem compreender como a estética e o comportamento do jovem emo contribuíram para uma subversão dos padrões hegemônicos de masculinidade, com o auxílio de teóricos que exploram juventude, moda, gênero e suas performances. Assim, pretende-se questionar a masculinidade hegemônica através do emo e explorar o emo como um movimento que questiona os padrões de masculinidade através da estética.

**Palavras-chave:** emo; masculinidade; moda.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W.. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1996.

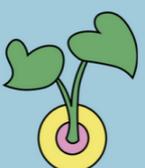
BISPO, R.; COELHO, M. C.. “Emoções, gênero e sexualidade: Apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da antropologia das emoções”. *Cadernos De Campo*, vol. 28, nº 2, p. 186-97, 2019.

BISPO, Raphael. *Jovens Werthers: Antropologia dos Amores e Sensibilidades no mundo Emo*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional/ PPGAS, 2009.

BONADIO, Maria Claudia. *Moda e Gênero: uma perspectiva histórica*. Adelina Instituto. São Paulo, 2020.

BONADIO, Maria Claudia. O corpo vestido. In: *Sobre a pele. Imagens e metamorfoses do corpo*, São Paulo: Editora Intermeios, 2015.

BUTLER, Judith. *Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory*. In: *Theatre Journal*, 1988.





CRANE, D. A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

LUTZ, Catherine. Unnatural Emotions: Everyday Sentiments on a Micronesian Atoll & Their Challenge to Western Theory. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (Orgs.). Masculinidades: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

